



DIPARTIMENTO DI SCIENZE DELL'EDUCAZIONE "G. M. BERTIN"
CENTRO INTERNAZIONALE DI DIDATTICA
DELLA STORIA E DEL PATRIMONIO

Manifesto pela Didática da História

do

Centro Internazionale di Didattica della Storia e del Patrimonio - DiPaSt

Alma Mater Studiorum - Università di Bologna

Preâmbulo

A necessidade de conhecer para se orientar, para poder escolher e decidir em plena consciência, que atravessou todas as culturas e todas as gerações humanas, é hoje ampliada por uma aceleração sem precedentes nas mudanças de escala de valores, de comportamentos individuais e coletivos e de contextos ambientais.

Para a conquista e regeneração contínua de uma efetiva liberdade de escolha, é essencial uma adequada formação cultural que a molde, e que, além do conhecimento, se oriente pelas competências que o permitam desenvolver de forma autónoma.

Embora constantemente seduzida por distorções e instrumentalizações, a história constitui uma componente fundamental da cultura, essencial para a orientação e a aquisição de cognição, consciência e responsabilidade, para se ser livre e autónomo nas escolhas atuais e futuras, para incentivar uma coexistência o mais ampla possível, respeitando a diversidade, para desenvolver a capacidade crítica necessária ao exercício do diálogo e do debate.

Portanto, dadas as contínuas e rápidas transformações em curso, é essencial realizar investigação sobre as estratégias didáticas mais apropriadas para um ensino de História mais eficaz em todos os níveis de ensino, estabelecendo comparações no âmbito nacional e internacional.

Com este manifesto pretende-se evidenciar e partilhar o desafio de responder a novas necessidades formativas e de qualificar posteriormente a oferta educativa, impulsionando metodologias didáticas adequadas para estimular nos alunos a assunção de competências essenciais, divergentes, mas acordadas, tais como a de ativar uma atenção competente ao mundo no seu todo e a de desenvolver o sentido de pertença à própria terra através do conhecimento das suas raízes, da sua cultura e da sua história, para apoiar uma participação dedicada e responsável na vida da própria comunidade e no respetivo território, numa perspetiva de sustentabilidade.

A História é o conjunto de factos que aconteceram (*res gestae*), ou seja, dos eventos e das mudanças que ocorreram desde o aparecimento da humanidade; o seu âmbito de estudo é, portanto, multidisciplinar, uma vez que inclui todos os aspetos das vivências humanas e dos fenómenos naturais que os afetam. O seu conhecimento está em contínua transformação pois é fruto da investigação e da reconstrução que os historiadores realizam ao interpretar as fontes, ou seja, os vestígios e os testemunhos transmitidos, e que foram reconhecidos e investigados. No entanto, os eventos, os fenómenos e os desenvolvimentos que os compõem são, em grande parte, desconhecidos

pois as fontes disponíveis são mais raras à medida que recuamos no tempo. Apesar dessas limitações, a densidade e a amplitude dos conteúdos da história conhecida permitem clarificar antecipadamente as motivações, as finalidades, os métodos e os conteúdos que devem caracterizar o ensino e que papel este deve desempenhar na formação escolar e permanente, pois está sempre presente o risco de que esta seja novamente proposta com carácter teórico e transmissivo, ou seja, de um modo que a disciplina não seja do agrado de uma grande parte dos alunos e que levou a que alguns professores e muitos pais a considerassem de pouca utilidade no contexto formativo.

O mundo está em rápida mudança, levando todos os indivíduos e todas as comunidades a enfrentar um ponto de viragem na História, em que cada escolha está destinada a afetar a qualidade de vida das gerações atuais e futuras, e corre o risco de se tornar irreversível. Tendo em atenção estas transformações contínuas e rápidas, é essencial que no percurso curricular da formação escolar, a aprendizagem da História tenha um papel importante no sentido de proporcionar maiores possibilidades de orientação, uma consciência bem fundamentada das origens e das premissas das realidades e dinâmicas hodiernas, uma efetiva capacidade de perceção, de crítica e de análise dos processos evolutivos em curso, com as consequentes oportunidades de planear, o mais conscientemente possível, o seu futuro individual e coletivo. Hoje, portanto, o ensino da História já não pode limitar-se à busca de um conhecimento teórico estéril dos acontecimentos do passado, mas deve visar sobretudo a compreensão do presente e a tomada de consciência responsável, com capacidade de empenho motivado e profundo respeito pelas questões colocadas pela atualidade: o problema cada vez mais eminente das alterações climáticas; o dos limites e dos desequilíbrios do desenvolvimento económico e dos consequentes fluxos migratórios; o da convivência quer a nível local quer internacional; o da igualdade de oportunidades de género e das minorias sociais e culturais; o da legalidade com base nos códigos constitucionais e nos normativos promulgados a nível nacional e internacional. Em suma, é necessário abandonar a visão tradicional do passado que pretendia a aquisição de noções de forma predominantemente memorística e livresca e, em vez disso, adotar, de modo sistemático, um percurso circular de ida e retorno, com enfoque na atualidade, para conseguir motivações, questões e curiosidade, para encontrar premissas e desenvolvimentos na história, e depois regressar ao presente mais documentado e consciente e, em última análise, mais livre.

Identidade e comunicação

Motivar para o estudo e a aprendizagem da História com base nas situações e desenvolvimentos atuais pode trazer também o risco iminente de um estreitamento dos horizontes, dos interesses e das culturas, numa amalgama aparentemente indistinta, resultado do processo milenar de soldagem do destino humano num único quadro planetário a que convencionalmente chamamos "globalização". Enquanto beneficiarem dele quase exclusivamente os grandes monopólios económicos e não a totalidade dos seres humanos, um dos receios mais justificados é certamente o do desaparecimento da diversidade em direção a um cenário genérico e indistinto, uniforme em termos de culturas e interesses dominantes. Trata-se de uma mudança de época, cujos primeiros sinais surgem cada vez com mais evidência. A apoiá-la e a torná-la eficaz estão os mais formidáveis meios de difusão e propaganda que já estiveram à disposição da espécie humana: os radiotelevisivos, os das redes informáticas e telefónicas, de entre os quais, os processos imparáveis de concentração vão selecionando os supervisores de informação e cultura, com efeitos concretos e já perceptíveis de condicionamento dos comportamentos e de manipulação das consciências. Reconhecer isso é essencial para aproveitar as oportunidades oferecidas pelas ferramentas informáticas e telemáticas,

que podem ser utilizadas em sentido oposto, reavaliando e comparando vozes, culturas, conhecimentos e pontos de vista.

Nesta perspetiva, a comunicação assume um papel fundamental, sendo para tal necessário adquirir competências operacionais adequadas à "sociedade da informação" atual, salvaguardando os aspetos narrativos que sempre caracterizaram a difusão da História e aproveitando as extraordinárias oportunidades introduzidas pelas novas tecnologias, ainda que com todas as advertências e cautelas dada a facilidade de manipulação e de distorção da informação.

Numa sociedade cada vez mais complexa e que permite um rápido acesso ao conhecimento codificado, a aprendizagem da História deve, portanto, ser orientada para promover uma formação cultural baseada na compreensão da diversidade, na convicção de que cada identidade evolui continuamente e que qualquer presunção da sua imobilidade para justificar a rejeição de novas contribuições e respetivas mudanças é infundada.

A todas estas motivações junta-se outra que é particularmente relevante para um país como a Itália, com uma herança histórico-artística de grande valor: o interesse e a sensibilidade para as questões de salvaguarda e proteção do património ambiental e cultural dependem em grande medida do nível e da qualidade do conhecimento histórico de toda a sociedade. Nesta perspetiva, as instituições académicas e escolares podem contribuir para a sensibilização necessária, promovendo, em colaboração com museus, arquivos e bibliotecas, um conhecimento mais amplo dos bens existentes no seu território.

Sobre o ensino universitário da História

No que respeita ao ensino universitário, é oportuno destacar os dois âmbitos nos quais se deve promover e realizar uma Didática da História consciente e eficaz:

- 1) O ensino de História proporcionado aos estudantes universitários em geral padece de velhos males, pelo facto de ser eminentemente transmissivo, teórico e pouco eficaz. Raramente se preocupa com aspetos motivadores ou propõe temas propedêuticos; no máximo, limita-se a introduções de carácter terminológico e metodológico, relativas à definição de conceitos básicos como a distinção entre história e historiografia, a periodização e a classificação das fontes. Mais rara ainda é a promoção de estratégias que estimulem a aprendizagem e mobilizem os estudantes em investigações diretas, com contactos e visitas a arquivos, museus, assim como a escavações arqueológicas ou a sítios de interesse histórico. Por outro lado, a maior parte dos docentes universitários de História parece ancorado na presunção de exercer uma função didática já inscrita na própria formação e nas mesmas exposições orais, repetindo mais ou menos conscientemente a visão espiritual e idealista de Giovanni Gentile que afirmava que o conhecimento dos conteúdos de uma matéria levava automaticamente à capacidade de a ensinar. Segundo esta visão, não há um saber que ensine "a arte de fazer escola" e não se ensina a ensinar, dado que a riqueza espiritual do docente já é suficiente para o converter em professor. Na prática, não existiria o método de ensino pois o método seria o próprio professor.
- 2) O ensino dos estudantes que seguem cursos de formação de professores para desenharem e conduzirem percursos de Didática da História que sejam capazes de utilizar na sua profissão. Este aspeto, essencial para dotar os docentes de competências e estratégias que lhes permitam ensinar História aos seus estudantes, permanece quase ignorado nos cursos universitários, que privilegiam os conteúdos. Durante algum tempo os cursos das SSIS ("Scuole di Specializzazione

all'insegnamento Secondario" / Escolas de Especialização no Ensino Secundário) e depois os da TFA ("Tirocinio Formativo Attivo" / Estágio de Formação Ativa) e os da PAS ("Percorsi Abilitanti Speciali" / Percursos Especiais de Habilitação) desempenharam esse papel ao nível da pós-graduação, encarregando-se da onerosa tarefa de colmatar as graves lacunas deixadas pela maioria dos cursos universitários. Apesar dos resultados positivos alcançados por algumas destas iniciativas, persiste em geral a modalidade de ensino transmissiva e unidirecional.

Tentando remediar esta carência de cursos oficiais, implementaram-se durante vários anos os laboratórios que, no entanto, foram recentemente cancelados em muitas universidades. Foi neste âmbito que os estudantes puderam ser incentivados para pesquisas motivadas e metodologicamente corretas e seguidas por resultados muitas vezes gratificantes.

História e historiografia

No que diz respeito aos frequentes mal-entendidos sobre o significado da palavra "história", mesmo no âmbito educativo, é oportuno atender antes de mais à distinção, muitas vezes negligenciada, entre a objetividade dos factos da História e a subjetividade e relatividade de todas as formas de pesquisa e de transmissão dos seus conhecimentos que estão incluídas na historiografia; também com o objetivo de promover o respeito baseado na pluralidade de culturas, de opiniões e de pontos de vista, e como pré-condição para incentivar um papel ativo na aprendizagem. Experiências acessíveis e eficazes a este respeito podem ser conduzidas desde a infância, fazendo compreender a diferença entre a singularidade dos factos vividos conjuntamente e a pluralidade das impressões e narrações que deles se fazem. Com o mesmo nome de História também se designa a disciplina escolar que se ocupa de promover a aprendizagem, mas que, na linha do que se expôs acima, pertence ao campo da historiografia. A distinção entre história e historiografia é primordial para a compreensão de elementos essenciais para aquisições subsequentes, tais como as diferenças na adoção de periodizações e datações por diferentes culturas.

Motivar, estimular e ativar

A partir da constatação de que o método transmissivo leva a resultados decepcionantes, pouco interesse, conhecimentos efémeros e memorísticos, e a baixa capacidade formativa, surge a necessidade de procurar percursos formativos que promovam o envolvimento e experimentação, despertando curiosidade e criatividade, empenho e participação ativa, para fazer de cada sujeito o protagonista da sua própria formação. Através de métodos de investigação-ação construtivistas, utilizando fontes, é possível promover uma aprendizagem ativa, visando não só a aquisição de conhecimentos, mas também o domínio das competências e habilidades que permitem melhorá-los e renová-los, favorecendo a autonomia de pensamento e a capacidade criativa.

Daqui pode deduzir-se que os impulsos motivadores devem ser perseguidos tanto nos métodos como nos conteúdos, ao longo de todo o percurso de formação, com continuidade e em várias ocasiões, constituindo uma constante no currículo da disciplina de História através do recurso a atividades que estimulem o envolvimento e a participação dos alunos.

Entre as atividades motivadoras a serem realizadas progressivamente e em relação com a idade escolar, podem incluir-se as seguintes:

- estimular o envolvimento e a participação na aprendizagem da História através da reiterada constatação de que "a história somos nós", ou seja, que cada um é sujeito e possível protagonista, e

que as vicissitudes pessoais e coletivas das quais se é participante, não começam de todo com a existência vivida, mas muito antes dela. A emoção de se saber herdeiro e protagonista da História é, assim, adicionada à emoção das diversas descobertas realizadas, ligando indissolivelmente a atividade à aprendizagem, a investigação à didática;

- identificar polos de interesse através da observação da atualidade e da pesquisa de ligações com temas e períodos históricos a serem abordados ou tratados (desenvolvimento de temas com amplo espectro disciplinar: clima, água, recursos, poluição, desequilíbrios no planeta, migrações, confrontos e convivência entre culturas);
- recorrer a abordagens e métodos laboratoriais e de aprendizagem cooperativa (*cooperative learning*), entendendo por laboratório, não tanto um ambiente físico, mas um âmbito comportamental e metodológico em que cada conquista de conhecimento é fruto de um trabalho individual e coletivo, com partilha de planejamento e realização de investigação, e verificação, utilização e exibição dos respectivos resultados;
- desenvolver uma didática atenta ao gênero, que faça uso efetivo das recentes contribuições historiográficas para a história das mulheres e dos gêneros através de percursos experimentais que superem a persistente visão estereotipada e silenciosa da sua presença na História. A atenção aos gêneros de sujeitos femininos e masculinos, nas suas múltiplas identidades, é essencial para uma didática da História que vise uma educação para a cidadania ativa e democrática, dado que o tema da identidade de gênero é decisivo para a formação de cada pessoa. Portanto, deve ser abordado em todas as áreas do saber, em particular no âmbito histórico, mediante um compromisso coerente em reconsiderar a interpretação historiográfica através da efetiva pluralidade de sujeitos da história;
- produzir e divulgar à comunidade, escritos e materiais resultantes da investigação, a fim de concretizar e difundir os seus resultados e dar novos objetivos gratificantes aos seus protagonistas;
- investigar a realidade circundante e a atualidade, a fim de apreender as suas características distintivas e identitárias, e as mudanças em curso, que possam ter um impacto positivo através do exercício de uma efetiva cidadania ativa.

História e atualidade

Os objetivos e as metodologias apresentados baseiam-se nas ligações inseparáveis entre a História e a atualidade, e no pressuposto de que é necessário investigar para conhecer e que o conhecimento é indispensável para escolher e propor conscientemente. Para isso, é apropriado ativar, desde a infância, verdadeiros "observatórios" do mundo atual, obviamente relacionadas com as capacidades perceptivas das diferentes idades, mas bastante úteis para estimular o interesse e a curiosidade, facilitados pelas possibilidades de abertura oferecida pelas novas tecnologias. Os temas identificados podem ser introdutórios e relacionados com o conhecimento das regulamentações nacionais e internacionais relativas aos direitos humanos e à experimentação de formas de participação e de delegação que reproduzam as funções dos organismos públicos.

Para alcançar cada competência e cada objetivo de aprendizagem através da investigação-ação é essencial planejar percursos metodológicos que identifiquem em primeiro lugar os pré-requisitos necessários, também em termos de inclusão e de igualdade de oportunidades, de seguida, os métodos e os instrumentos a serem adotados em coerência com as opções de base e, finalmente, as avaliações a serem realizadas, quer durante o processo quer na sua conclusão. Através da participação dos mesmos alunos na sua avaliação, tais avaliações podem ser também adotadas de forma metacognitiva.

Património e cidadania ativa

O desenrolar da História gera o seu património, ou seja, o heterogéneo e multifacetado conjunto de legados e recursos para os quais convergem e se fixam características, bens, valores e saberes ambientais, histórico-artísticos, científicos e ideais recolhidos e partilhados pelas comunidades humanas nos seus diversos âmbitos territoriais. Para o respeitar e valorizar é necessário conhecê-lo através das formas mais adequadas que, ao ativar a sua adoção e proteção, introduzem formas de responsabilização e de cidadania ativa.

A atenção ao legado do passado não se impõe apenas no âmbito da formação, mas é também necessário compreendê-lo e valorizá-los como recurso. O património cultural aparece assim como um ancoradouro necessário e um fundo integrador, de relevante valor formativo e inclusivo, capaz de projetar as contribuições específicas do património cultural local em horizontes mais amplos e de fazer uso das ferramentas de comunicação mais atuais. Nesta perspetiva, torna-se uma oportunidade para a aquisição e produção de saber que estimula a aprendizagem de competências e a construção do conhecimento através da realização de investigação; requer um debate e um cruzamento interdisciplinar através da confluência de conhecimentos e da adoção de métodos e percursos didáticos testados em várias disciplinas; implica um uso sistemático de todos os instrumentos de comunicação e, em particular, das tecnologias telemáticas e dos suportes multimédia úteis em qualquer projeto didático e de divulgação.

Do acima exposto resulta claro que existe uma ligação significativa entre o conceito de formação e o de "educação patrimonial", devido à tensão implícita comum de desenvolver processos de aprendizagem ativa, integrados, recorrentes e permanentes. Em concreto, são dois os aspetos que o tornam muito relevante para a formação e a aprendizagem sobre "património": a integração de múltiplas competências e conhecimentos por meio de atividades de simbiose entre a escola e elementos externos, num quadro multidisciplinar de educação para a consciencialização e a responsabilidade; a adoção de métodos construtivos que motivem, envolvam e ativem a aprendizagem, a partir da identificação dos elementos e espaços "patrimoniais", passando depois ao aprofundamento e, de seguida, às atividades laboratoriais para a produção de textos e ensaios. Tudo numa contínua busca de interação entre as disciplinas que lidam com processos de conhecimento e de valorização do "património" e dos aspetos ambientais, estéticos e histórico-artísticos do território, para uma formação que permita e induza intercâmbios conceptuais, práticas comparativas e afinamentos metodológicos, hoje particularmente importantes para que diálogos e relações interculturais sejam realizados em todas as áreas da atividade humana e em horizontes amplos. O desenvolvimento de experiências de cidadania ativa pode, por isso, ser o culminar da investigação sobre o património cultural local e até de âmbito mais vasto. Já se referiu aqui a existência de uma estreita relação entre os graus de conhecimento da História que gerou tal património e o respeito que se tem por ele. Recorrendo a métodos ativos que fazem uso de fontes, da contribuição dos museus, associações e entidades locais, o envolvimento dos alunos nas pesquisas sobre os bens culturais do seu território torná-los-á protagonistas das suas descobertas e seus guardiões. Neste sentido, deve-se considerar que, para uma comunidade como a escolar, cada vez mais de proveniência heterogénea, o conhecimento comum da história dos lugares hoje partilhados pode ser a base, o fundo integrador sobre o qual alicerçar e construir um novo sentido de pertença que não anule a diversidade e as peculiaridades de origem, mas as faça contribuir para projetar e planificar o futuro, superando incompreensões e hostilidades.

O uso de recursos digitais nos processos de ensino e aprendizagem facilita a compreensão das

relações entre o conhecimento histórico e os bens culturais, a possibilidade de uso de múltiplas fontes, o conhecimento de ambientes e territórios, a utilização de textos e imagens para a comunicação histórica.

Portanto, o conhecimento do património cultural, dos seus legados materiais e imateriais e dos seus "sinais" legíveis no território, é prioritário e basilar para projetos que promovam a preservação, recuperação e valorização através de um compromisso efetivo dos alunos.

A educação para a cidadania ativa através do património cultural não pode ignorar o conhecimento das premissas, origens e desenvolvimentos das declarações nacionais e internacionais dos direitos humanos que constituem algumas das principais heranças vivas desse património.

A história global e a história local

Enquanto reconhece as mudanças na realidade próxima e local, é necessário que a escola proponha também uma visão global da História que se baseie em situações atuais para fazer compreender as características e os resultados dos principais processos de transformação e para permitir comparações entre as marcas deixadas pelos povos e culturas. As principais fases evolutivas da humanidade encontram o seu lugar neste quadro global: do povoamento do planeta à diferenciação das atividades em relação ao ambiente, da revolução agrícola ao intercâmbio comercial e de relações, da consolidação dos grandes impérios ao longo confronto entre nómadas e sedentários, das convulsões de estruturas antigas à construção de novos sistemas político-territoriais.

Nesta perspetiva ampla, ganham peso fenómenos complexos como a difusão das religiões, as transformações económicas, a formação de Estados-nação, a colonização, a industrialização, os conflitos sociais e as revoluções, o surgimento de regimes totalitários, os conflitos mundiais, os movimentos de libertação, a afirmação das democracias, os processos de globalização e os seus efeitos de desigualdade que conduzem as populações pobres às migrações.

Ao longo do percurso de aprendizagem, recorrer-se-á a uma conexão contínua e a uma focalização progressiva para relacionar as evoluções gerais com as mais próximas. É, de facto, adequado que se articule a visão global com uma atenção constante à dimensão local que, como desenvolvimento coerente das experiências preparatórias da história pessoal e familiar, permite uma ligação mais eficaz entre presente e história e a perceção das características identitárias da comunidade e do território. Neste contexto, haverá espaço para atividades destinadas a valorizar o património cultural, assumindo a consciência e a vontade de o proteger e valorizar, também através da contribuição e da colaboração das entidades locais, museus, bibliotecas e associações que, em conjunto com a escola, desenvolvam projetos educativos integrados.

Nos percursos de aprendizagem da História, assume grande importância a capacidade de expressar, reproduzir e organizar os conhecimentos adquiridos através de exposições orais, escritas e multimédia, que permitam conceptualizá-los e expô-los usando os léxicos apropriados.

As relações disciplinares

Devido à amplitude do seu âmbito de competências e conhecimento, a História abre-se ao uso de métodos, conteúdos, conceitos e instrumentos emprestados de outras disciplinas. Desta forma, é possível perseguir múltiplas interligações disciplinares a especificar através de uma planificação cuidadosa. Em particular, como já se assinalou, as ligações com o conhecimento geográfico parecem

indispensáveis para contextualizar os processos de transformação nos espaços e ambientes onde ocorreram.

Como ciência que tem como objeto o estudo e descrição da configuração da Terra e dos fenómenos que aí ocorrem em relação às sociedades humanas, à vida animal e vegetal e ao uso pelo homem dos recursos do mundo mineral, vegetal e animal, a Geografia tem, no percurso formativo de aquisição de competências e conhecimentos conducentes ao pensamento autónomo e ao exercício da liberdade, a tarefa de combinar a dimensão temporal com a espacial. Tendo em conta os aspetos climáticos, ambientais, económicos, demográficos e antropológicos vivenciados atualmente e nos desenvolvimentos recentes e em curso, permite estabelecer relações entre os resultados e as perspetivas atuais e as transformações remotas e próximas, oferecendo as referências espaciais indispensáveis para a contextualização e compreensão de eventos e processos históricos. Neste quadro, são evidentes as conexões e redes apropriadas e necessárias entre a aprendizagem da História e a da Geografia que, em conjunto, favorecem a capacidade de orientação no tempo e no espaço. Isto não significa que o estudo da Geografia constitua apenas um apoio para a aprendizagem da História. O seu conhecimento traduz-se numa amplitude de horizontes, na consciência das mudanças em curso e em capacidade crítica e de escolha. Também para a sua aprendizagem é apropriado começar pela realidade próxima e mais perceptível e depois proceder à descoberta dos âmbitos mais vastos, nunca deixando de lado os laços e conexões com a própria realidade. Partindo da exploração do ambiente circundante e fazendo uso de cartas topográficas e geográficas, de fotografias e de imagens de satélite, os alunos podem aceder às coordenadas do seu contexto territorial e compará-las com representações mais amplas, inclusivamente à escala global. Estas ligações são particularmente úteis face às recentes dinâmicas e fenómenos de particular impacto, como a intensificação das alterações climáticas, os desequilíbrios globais e a imigração, com consequências como a presença crescente de alunos provenientes de terras distantes e de diferentes culturas, que devem induzir abordagens interculturais e projetos de inclusão.

A atenção ao mundo de hoje é também necessária para adquirir competências de cidadania ativa, para a tomada de consciência de que todos somos herdeiros e guardiões de um património pertencente a uma comunidade territorial. Além disso, uma das principais finalidades da Geografia, que é o estudo da paisagem como resultado atual de incontáveis legados do passado, deve permitir a aquisição de conhecimento e consciência em relação às grandes questões da sustentabilidade, da proteção do património hidrogeológico, da luta contra a poluição, da eliminação e reciclagem de resíduos, do desenvolvimento de técnicas de produção de energias renováveis, da proteção da biodiversidade. A educação ambiental e para o desenvolvimento deve valer-se de uma pluralidade de disciplinas científicas e técnicas que introduzam formas de responsabilidade e de compromisso, que se traduzam em projetos e experiências de cidadania ativa. A capacidade de orientação no espaço e no tempo contribui, assim, para a formação de pessoas autónomas, capazes de tomar decisões responsáveis na gestão do território e na proteção do ambiente, com um olhar consciente para o futuro.

A relação natural entre História e Geografia leva ao conceito de *geohistória*, que considera os dados espaciais e temporais inseparáveis entre si e atribui à história local uma função fundamental para desenvolver a consciência histórica. De facto, através da *geohistória* compreendemos quer as especificidades da história local quer as formas como a história geral se concretizou na realidade local e vice-versa.

Em síntese, a aprendizagem da História e da Geografia deve tender a dotar os alunos de uma atenção competente ao mundo no seu todo e de um sentido de pertença à própria cultura.

Uma conexão particular que torna a aprendizagem da História ainda mais multifacetada, aberta e formativa é a que a liga às ciências e às oportunidades oferecidas pelas tecnologias, que geralmente permitem aceder a inúmeras fontes e conhecimentos. Além disso, as contribuições e testemunhos da arte, da literatura, da música, da ciência, da iconografia e da cinematografia são também úteis e desejáveis.

Nestas áreas, ganhou maior relevo o desenvolvimento das competências didáticas dos museus, arquivos e pinacotecas.

A didática museal insere-se no âmbito mais vasto, e já rico em experiências significativas, da "didática dos bens culturais", ou no sector formativo que através da observação e da ativação da sensibilidade e da emotividade leva a considerar todas as realidades atuais como um património a fruir e respeitar para viver mais conscientemente. Por "didática museal" pode entender-se o conjunto de metodologias, ações e instrumentos desenvolvidos pelas instituições museológicas para tornar compreensíveis e culturalmente formativos os testemunhos recolhidos, preservados e expostos. Estas estratégias têm geralmente como objetivo recordar ou reconstruir os contextos ambientais e socioculturais em que esses testemunhos foram produzidos e utilizados. Eles são úteis e essenciais para interessar e informar o público em geral, mas tornam-se indispensáveis e vantajosas para o desenvolvimento dos percursos formativos escolares, para as quais requerem o envolvimento de professores e alunos, mesmo fora dos locais e dos horários de visita.

Finalmente, partilhando a convicção de que a aprendizagem da História deve, antes de mais, conferir maior consciência e responsabilidade em relação ao presente e ao futuro, é desejável o recurso a associações e organismos culturais que operam no território para dinamizar formas de colaboração que podem incluir conferências, visitas guiadas, exposições, eventos públicos e espetáculos.

As competências

Entre os numerosos documentos produzidos pela União Europeia a fim de garantir uma uniformidade pedagógica de base no sistema escolar europeu, a Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho de 18 de dezembro de 2006 identificam oito competências-chave para a aprendizagem ao longo da vida, cuja finalidade é a aquisição dos conhecimentos necessários para que cada cidadão possa inserir-se com sucesso quer na vida social quer no plano laboral. As competências-chave referem-se à "combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes adequadas para enfrentar uma situação particular" (cit. em "Recomendações sobre as competências-chave"), permitindo responder às constantes mudanças na sociedade, e que se concretizam em:

1. comunicação na língua materna;
2. comunicação nas línguas estrangeiras;
3. competência matemática e competências básicas em ciência e tecnologia;
4. competência digital;
5. aprender a aprender;
6. competência social e cívica;
7. espírito de iniciativa e empreendedorismo;
8. consciência e expressão cultural.

Em relação às competências-chave acima mencionadas, recomenda-se que o desenho de unidades de aprendizagem e de laboratórios de história seja fortemente orientado para a formação de habilidades

e conhecimentos na perspectiva das competências, com atenção, em particular à competência digital, aprender a aprender, à competência social e cívica e à consciência e expressão cultural. São competências consideradas essenciais para a realização e o desenvolvimento de base para uma aprendizagem ao longo da vida e para um desenvolvimento pessoal numa ótica de cidadania ativa e de inclusão social; se por um lado não se renuncia ao conteúdo da disciplina História, por outro lado centra-se a atenção nas atitudes do estudante, nas suas motivações pessoais, no seu pensamento crítico face ao que o rodeia; aprendizagens que o acompanharão ao longo da vida.

Velhas e novas dificuldades

Na sua transição contínua e necessária, os diferentes sujeitos da formação escolar, cultural e científica enfrentam uma fase particularmente difícil, uma vez que, perante as rápidas e inéditas transformações atuais, a desorientação, a inércia, as contradições e os anacronismos tornam-se também cada vez mais evidentes em diversos setores.

Os professores de todos os níveis e disciplinas sofrem particularmente e apenas parcialmente conseguem superar e, por vezes, até reagir positivamente aos novos desafios, mas muitas vezes sentem-se sós na luta contra os normativos internos contraditórios e limitadores e face a grandes expectativas externas.

Neste panorama de dificuldades gerais, emerge com maior clareza a subvalorização de aspetos didáticos pelos círculos académicos em que há já algum tempo se consolida uma contradição nociva: a uma ostentação geral de apreço pelas exigências do ensino contrapõe-se um persistente, e igualmente generalizado, descrédito em relação a tudo o que soa a didático e divulgativo.

Assim, por detrás das aclamadas intenções e rejeitando o diálogo necessário com os verdadeiros protagonistas e sujeitos da aprendizagem, o próprio setor da formação e atualização dos professores revela-se indisponível e impreparado para uma das suas funções principais.

Ao contrário do que acontece, e para fazer face aos crescentes e alarmantes sintomas de inadequação dos seus cursos, os docentes universitários deveriam tornar suas as questões da didática, não só para uma formação profícua dos docentes, mas também, e sobretudo, para extrair do âmbito escolar os frutos daquelas experiências que enfrentam de forma concreta os problemas muito delicados, seja ao nível dos métodos e conteúdos, seja ao nível da adequação e da eficácia do ensino das várias disciplinas.

Tanto na História como nas outras disciplinas, a atenção às estratégias de ensino em articulação com as dificuldades reais que os professores encontram no dia-a-dia nas suas escolas, não pode ser eclipsada pela atenção dada ao conteúdo disciplinar.

Portanto, as respetivas "didáticas" devem ser abordadas com uma atenção e um cuidado não inferiores aos reservados para as disciplinas "mães", propondo cursos voltados para a experimentação de itinerários e de instrumentos fundamentais da investigação e do ensino, num quadro de processos formativos que privilegiam os aspetos metodológicos, mas que também oferecem as noções e conteúdos essenciais para projetar depois, de forma pessoal, percursos didáticos coerentes e eficazes. Nesta perspectiva, é também possível encontrar um equilíbrio eficaz no debate, por vezes exasperado, entre aqueles que defendem a importância primordial dos conteúdos e aqueles que, por sua vez, dão maior destaque às metodologias.

Para aqueles que se dedicam ao ensino da História, é ainda mais imperativo adequar as motivações, os conteúdos e as modalidades das suas estratégias didáticas às questões propostas pelo presente, sob

pena de uma percepção geral de anacronismo e de ineficácia.

Para uma Didática da História que não vise apenas a transmissão de noções e conteúdos, mas tenda a valorizar o conhecimento do passado para uma melhor compreensão do presente, o critério metodológico básico é a busca de interconexões entre investigação e ensino através da leitura da espessura histórica do presente. Ler os diversos aspetos atuais como resultados das linhas evolutivas desvendadas na história, significa colocar no centro o ambiente, as informações, as imagens, as relações que cada aluno experimenta e vive quotidianamente. O passado perde assim a sua aparência estranha dado que se podem seguir os rastros das premissas e origens da atualidade, estimulando o conhecimento de uma história em que cada um é protagonista como participante no processo coletivo que se seguiu.

Grandes questões como a da paz e da convivência, do equilíbrio ecológico e do respeito pelo meio ambiente, das desigualdades económicas e da igualdade de oportunidades de género e de cultura, podem ser propostas através de experiências concretas e comprometidas e não apenas com meras formulações teóricas e conceptuais.

Para fazer com que as pessoas tomem consciência e assumam responsabilidade sobre questões importantes não é suficiente expor os termos, confiando na sua evidência, é antes necessário solicitar uma tomada de consciência que resulte de formas de ativação, que convertam os alunos em sujeitos diretamente interessados.

Tudo isto diz respeito também à questão atual e muito sensível do diálogo intercultural, relativamente ao qual os estímulos e condicionamentos extracurriculares, entre outros, não estão nada de acordo. Grande parte dos docentes está bem ciente disso e está a recorrer a experiências de confronto e conhecimento mútuo através de aspetos que pertencem à esfera de interesses comuns a todas as crianças: o jogo, a alimentação, as festas.

Apesar dos numerosos obstáculos, o património de experiências e experimentações que se estão a realizar na escola parece rico e variado, capaz de oferecer pistas e estímulos, advertências e precauções, motivações e avaliações.

É necessário, portanto, dar visibilidade e memória a tal património, tornando-o atrativo para estimular uma aprendizagem da História envolvente, duradoura e eficaz, que favoreça a assunção de uma "cidadania ativa", responsável e consciente.

O objetivo comum é encontrar na História conhecimentos úteis para viver o presente e projetar o futuro em harmonia e no respeito pelas diferentes identidades e pelo imenso património herdado, através do compromisso ativo dos vários constituintes do tecido cultural, social e económico da própria comunidade.

Em síntese

Em coerência com o acima exposto, os momentos essenciais que qualquer percurso didático de História deve compreender são:

- uma abordagem com vista a motivar e interessar pelo conhecimento dos argumentos a tratar, durante a qual se procure a disponibilidade de todos os pré-requisitos necessários para realizar o percurso;
- a adoção do método de laboratório para envolver e estimular os alunos, usando fontes e pesquisa de grupo;

- a proposta de avaliações ao longo do processo, em que sejam os próprios sujeitos da aprendizagem a avaliar, e eventualmente corrigir, as próprias aprendizagens;
- a exposição dos resultados alcançados através de uma variedade de instrumentos e de suportes possíveis.
- a avaliação final dos conhecimentos adquiridos e das novas oportunidades proporcionadas.

